



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CAMPUS II - AREIA - PB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS VETERINÁRIAS
CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

JÚLIA FERNANDA RIBEIRO DO NASCIMENTO

**ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS SEM A ORIENTAÇÃO DO MÉDICO
VETERINÁRIO EM ANIMAIS DE COMPANHIA NA CIDADE DE AREIA – PB**

AREIA

2019

JÚLIA FERNANDA RIBEIRO DO NASCIMENTO

**ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS SEM A ORIENTAÇÃO DO MÉDICO
VETERINÁRIO EM ANIMAIS DE COMPANHIA NA CIDADE DE AREIA – PB**

Trabalho de conclusão de curso realizado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientador (a): Profa. Dra. Anne Evelyne Franco de Souza Xavier.

AREIA

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244a Nascimento, Julia Fernanda Ribeiro do.
ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS SEM A ORIENTAÇÃO DO
MÉDICO VETERINÁRIO EM ANIMAIS DE COMPANHIA NA CIDADE DE
AREIA - PB / Julia Fernanda Ribeiro do Nascimento. -
João Pessoa, 2019.
32 f.

Orientação: Anne Evelyne Franco de Souza Xavier.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Automedicação. 2. Intoxicação. 3. Animais. 4.
Veterinário. I. Xavier, Anne Evelyne Franco de Souza.
II. Título.

UFPB/CCA-AREIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CAMPUS II - AREIA - PB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS VETERINÁRIAS
CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Júlia Fernanda Ribeiro do Nascimento

ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS SEM A ORIENTAÇÃO DO MÉDICO
VETERINÁRIO EM ANIMAIS DE COMPANHIA NA CIDADE DE AREIA – PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Medicina Veterinária, pela Universidade Federal da Paraíba.

Aprovada em: 21/10/2019
Nota: 30,0 (dez)

Banca Examinadora



Profª. Drª. Anne Evelyne Franco de Souza Xavier (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba



Profª. Drª. Danila Barreiro Campos
Universidade Federal da Paraíba



Médica Veterinária Dayana Inocência da Costa

Dedico este trabalho a minha avó Severina Maria dos Santos (*in memoriam*), pelo amor, cuidado, proteção e educação que me fizeram ser a pessoa que sou hoje. Tenho certeza que ela seria minha maior incentivadora, apoiadora e estaria feliz e orgulhosa de ver aonde a sua neta chegou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus, autor e consumidor da minha fé. Quem me sustentou nos momentos mais difíceis da vida acadêmica, não me deixou desistir e sempre me fez entender que nunca estaria só. É Ele quem me ajuda e tem os melhores sonhos para mim, sei que por meio dEle muito mais está por vir.

Aos meus pais Maria do Socorro Ribeiro do Nascimento e Iranildo Fernandes do Nascimento, por todo amor, dedicação e apoio. Por não medirem esforços para que eu chegasse até aqui e que não faziam questão de me proporcionar tudo o que eu precisasse. Sei que não foi fácil para vocês também e que passamos por muitos apertos juntos, mas até aqui nos ajudou o Senhor.

Agradeço a toda minha família, irmã, primas, tios, amigos e ao meu namorado por todo apoio, por sempre acreditarem no meu potencial, me incentivarem e ajudarem para que este trabalho se tornasse realidade.

A minha orientadora, Anne Evelyn Franco de Souza Xavier, por ter concordado com minha ideia de pesquisa e desde então ter me ajudado. Obrigada por ter me aceitado como sua orientanda, por toda paciência e dedicação para a realização deste trabalho.

Enfim, muito obrigada!

RESUMO

Os animais de companhia têm sido tratados como membros da família. Por esse motivo estão sujeitos a automedicação, prática que tem se tornado frequente. Muitos tutores desconhecem o potencial tóxico que alguns fármacos apresentam se administrados em doses erradas. Alguns fármacos, que podem intoxicar cães em determinadas doses, podem intoxicar gatos em doses menores. Objetivou-se nessa pesquisa avaliar a prevalência dos casos de administração de medicamentos sem a orientação do médico veterinário, em animais de companhia, na cidade de Areia – PB, bem como identificar quais são os fármacos mais utilizados e o conhecimento da população a respeito dos riscos da automedicação e do potencial tóxico que alguns fármacos apresentam. Foram aplicados 46 questionários online, através do software Google Forms® e 8 questionários presenciais com tutores de animais, residentes na cidade de Areia – PB, no período de agosto a setembro de 2019, totalizando 54 questionários. Destes, 2 foram excluídos por não cumprirem as medidas de inclusão da pesquisa, sendo assim a análise foi realizada com base nas respostas dos 52 participantes que atenderam aos critérios de inclusão. Apesar de grande parte dos entrevistados conhecerem os riscos da automedicação, relataram de forma precisa as principais consequências do uso inadequado dos medicamentos e afirmaram conhecer o potencial tóxico que alguns fármacos apresentam uma alta parcela dessas pessoas ainda realiza essa prática. Os resultados confirmam a necessidade de mais esclarecimento à população e leis em defesa da saúde animal.

Palavras-chave: Automedicação; Intoxicação; Animais; Veterinário.

ABSTRACT

Pet animals have been treated as family members. For this reason they are subject to self-medication, a practice that has become frequent. Many tutors are unaware of the toxic potential that some drugs present if given at the wrong doses. Some drugs, which can intoxicate dogs at certain doses, might also intoxicate cats at lower doses. The objective of this research was to evaluate the prevalence of medication administration cases without the guidance of the veterinarian, in pets, in the city of Areia – PB, Brazil, as well as identify which are the most used drugs and the knowledge of the population about the risks of self-medication and the toxic potential that some drugs present. 46 online questionnaires were applied through Google Forms® software and 8 face-to-face questionnaires with animal tutors, living in the city of Areia – PB, Brazil, from August to September 2019, totaling 54 questionnaires. Of these, 2 were excluded because they did not comply with the research inclusion measures, and thus the analysis was performed based on the responses of the 52 participants who met the inclusion criteria. Although most respondents know the risks of self-medication, accurately report the main consequences of the inappropriate use of drugs and claim to know the toxic potential that some drugs have, a high proportion of these people still performs this practice. The results confirm the need for more clarification to the population and laws in defense of animal health.

Keywords: Self-medication; Intoxication; Animals; Veterinary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Quantidade de animais que os entrevistados possuíam.....	20
Figura 2. Tipo de animais de estimação dos indivíduos entrevistados.....	20
Figura 3. Casos de automedicação em animais na cidade de Areia – PB.....	21
Figura 4. Classes medicamentosas utilizadas na automedicação em animais na cidade de Areia – PB.....	22
Figura 5. Conhecimento dos participantes a respeito dos riscos que a medicação sem a prescrição de um médico veterinário pode causar.....	23
Figura 6. Conhecimento dos participantes a respeito do potencial tóxico que alguns medicamentos apresentam.....	24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil socioeconômico dos participantes.....	19
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

?: porcentagem.

n: frequência absoluta.

AIES: anti-inflamatórios esteroidais.

AINE: anti-inflamatório não esteroideal.

AINES: anti-inflamatórios não esteroidais.

ANVISA: Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

COX: ciclo-oxigenase.

DNA: *deoxyribonucleic acid*.

PB: Paraíba.

PI: Piauí.

SPC: Serviço de Proteção ao Crédito.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1. A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO E SEUS EFEITOS.....	14
2.2. PRINCIPAIS MEDICAMENTOS EMPREGADOS NA AUTOMEDICAÇÃO.....	15
2.2.1. AINES.....	15
2.2.2. AIES.....	16
2.2.3. ANTI-HELMÍNTICOS.....	16
2.3.4. VITAMINAS.....	16
2.3.5. ANTIBIÓTICOS.....	17
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	18
5. CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS.....	26
APÊNDICE A – Modelo do Questionário.....	30

1. INTRODUÇÃO

A ação que um doente ou seu responsável tem de usar um produto no tratamento de uma doença ou aliviar seus sintomas, sem a orientação de um especialista de saúde habilitado, é definida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária como automedicação (ANVISA, 2007).

Frequentemente tutores têm automedicado seus animais sem a orientação ou prescrição de um médico veterinário. Muitos desconhecem o potencial tóxico que alguns fármacos apresentam se administrados em doses erradas. Alguns fármacos, que podem intoxicar cães em determinadas doses, tem a capacidade de intoxicar gatos em doses menores (ANJOS; BRITO, 2009). Outros fatores que influenciam na intoxicação medicamentosa, além da espécie, são a raça, idade, sexo, condição corporal, histórico médico pregresso e status vacinal (RIBOLDI, 2010).

Dentre os medicamentos que são comumente administrados erroneamente, sendo as principais causas de intoxicação em animais domésticos, estão os AINES, principalmente o paracetamol, e produtos de uso tópico (XAVIER; MARUO; SPINOSA, 2008). Por exemplo, o paracetamol, que tem ação na redução da percepção da dor (analgésico) e na redução da febre (antipirético) e uma baixa potência anti-inflamatória, não é indicado para a administração em gatos, pois nesses animais não ocorre corretamente a conjugação com a enzima hepática glicuronil-transferase, essencial na eliminação deste AINE (TASAKA, 2011).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia, através da Pesquisa Nacional de Saúde realizada no ano de 2013, o Brasil é o 3º maior mercado *pet* do mundo, dispondo de mais de 50 milhões de cães e mais de 20 milhões de gatos (IBGE, 2015 *apud* ZIELKE et al., 2018; SPC Brasil, 2017). Esses dados indicam quanto o ser humano tem se aproximado dos animais de companhia e atribuído a eles o papel de membro da família, por esse motivo o *pet* está sujeito a ser tratado como um humano e ao apresentar alguma doença é submetido à automedicação o que conseqüentemente, leva o mesmo a uma intoxicação medicamentosa (ZIELKE et al., 2018).

Com base nessas informações, surgiram hipóteses de que a prática da automedicação é maior quando a pessoa desconhece seus riscos e o potencial tóxico que alguns fármacos apresentam. Além disso, a falta de conhecimento da população sobre os riscos da automedicação pode contribuir para o aumento do número de casos dessa prática e possíveis intoxicações medicamentosas. Por isso se torna necessário a obtenção de dados a respeito da

prevalência de casos de automedicação em animais de companhia e sobre o conhecimento da população sobre a prática, sendo esse um importante parâmetro para traçar estratégias de educação em saúde animal e campanhas de conscientização a respeito dos riscos da automedicação, que são formas efetivas de se diminuir a proporção dessa prática.

A partir disso, o presente trabalho tem o objetivo de avaliar a prevalência dos casos de administração de medicamentos sem a orientação do médico veterinário em animais de companhia na cidade de Areia – PB. Especificamente, levantar dados referentes aos fármacos mais utilizados na prática da automedicação. Identificar se a população conhece os riscos dessa prática e o potencial tóxico que alguns fármacos apresentam, bem como determinar uma relação entre o perfil da pessoa e seu conhecimento sobre os riscos da automedicação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO E SEUS EFEITOS

A automedicação é a ação que um doente ou seu responsável tem de usar um produto no tratamento de uma doença ou aliviar seus sintomas, sem a orientação de um especialista de saúde habilitado (ANVISA, 2007).

Essa tem sido uma prática realizada de geração a geração no Brasil, pela influência de propagandas de medicamentos divulgadas pelos meios de comunicação, recomendações de amigos sobre receitas caseiras, plantas medicinais, além disso, a população carente tende a recorrer ao que é mais acessível, devido ao contínuo aumento de preços dos fármacos (CARVALHO et al., 2012; LEITE et al., 2006 *apud* DOLCE, 2014).

Entretanto, os casos de automedicação na medicina veterinária ainda são pouco conhecidos e pouco relatados (CARVALHO et al., 2012). Mas esse pode ser um problema comum, pelo fato de ser uma prática constantemente realizada por seres humanos e pelo papel de membro da família atribuído aos animais de companhia, portanto quando o animal manifesta algum sintoma semelhante ao que o ser humano apresenta, o tutor tende a medicar o animal com o mesmo medicamento que ele utilizaria para si próprio (AQUINO, 2008; ZIELKE et al., 2018; FELDKIRCHER, 2014).

O ato de realizar a automedicação é seriamente nocivo tanto para humanos, quanto para os animais. A administração inadequada ou dosagem errada de algum fármaco pode levar ao diagnóstico incorreto de alguma doença grave, problemas crônicos como insuficiência renal e hepática, afetar qualquer processo patológico, provocar interações

medicamentosas, efeitos secundários, riscos inadmissíveis do ponto de vista terapêutico e principalmente intoxicações (SILVA et al., 2005; DOLCE, 2014). Salivação excessiva, diarreia, vômitos, sono profundo e exagerado, andar cambaleante, tremores e crises convulsivas são os primeiros sintomas diante de uma intoxicação medicamentosa (FELDKIRCHER, 2014).

2.2. PRINCIPAIS MEDICAMENTOS EMPREGADOS NA AUTOMEDICAÇÃO

Os medicamentos que geralmente são administrados a animais de companhia sem aconselhamento veterinário são os analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios, antiparasitários, vermífugos e vitaminas que, se administrados irracionalmente, podem levar a danos irreversíveis (DOLCE, 2014; RIBEIRO; SILVA; FILHO; 2009).

Vários aspectos devem ser considerados para a utilização dos diversos medicamentos: doenças associadas (principalmente as renais e hepáticas), idade dos animais (animais muito novos, sobretudo os recém-nascidos, não têm o sistema enzimático hepático suficientemente maduro, e os animais idosos possuem menor eficiência renal e hepática), entre outros. Esses fatores influenciam na eficácia e quantidade da dose administrada. A associação de medicamentos também é um aspecto importante, embora algumas sejam benéficas, a maioria leva a efeitos colaterais mais acentuados (SPINOSA; GORNIK; BERNARDI, 2011).

2.2.1. AINES

Os anti-inflamatórios não esteroidais são inibidores da ciclo-oxigenase (COX) e agem no alívio da dor, febre e inflamações, inibindo a enzima COX, que degrada o ácido araquidônico, e, conseqüentemente, inibindo a produção de prostaglandinas e tromboxanos (GOODMAN; GILMAN, 2012). Na classe dos AINES, o paracetamol ou acetaminofeno, por exemplo, apresenta grandes riscos de intoxicações, principalmente se administrado em felinos, pois esta espécie apresenta deficiência na conjugação do ácido glicurônico com a enzima hepática glicuronil-transferase, essencial na eliminação deste AINE (TASAKA, 2011). Doses muito elevadas podem levar a níveis tóxicos, causando respostas farmacológicas exacerbadas ou intoxicações (ARAÚJO; POMPERMAYER; PINTO, 2000; ANJOS; BRITO, 2009).

Os principais AINES utilizados na prática da medicina veterinária são: os derivados do ácido carboxílico como o ácido acetilsalicílico, diclofenaco, ibuprofeno, carprofeno, cetoprofeno, flunixinina meglumina; os derivados do ácido enólico como a fenilbutazona,

piroxicam, meloxicam, nimesulida; os coxibes como o firocoxibe; e outros com fraca ação anti-inflamatória como o paracetamol e a dipirona (TASAKA, 2011).

2.2.2. AIES

Os anti-inflamatórios esteroidais ou glicocorticoides inibem as manifestações da inflamação, sejam precoces ou tardias. São fármacos indicados para casos de insuficiência da adrenal, doenças autoimunes, doenças brônquicas e pulmonares, traumas articulares e choques. Os principais glicocorticoides de utilidade farmacológica são a hidrocortisona, cortisona, prednisolona, prednisona, metilprednisolona, triancinolona, dexametasona e betametasona (JERICÓ; MARCO, 2011).

Apesar dos benefícios em determinadas enfermidades, o uso prolongado desta classe medicamentosa traz ao paciente uma série de efeitos colaterais como a síndrome de *Cushing*, desgaste e fraqueza muscular, hiperglicemia, efeitos no sistema nervoso central, supressão da resposta às infecções ou lesões, aumento do apetite e obesidade (RANG et al., 2012).

2.2.3. ANTI-HELMÍNTICOS

Na classe dos anti-helmínticos existem vários disponíveis no mercado, entre eles os organofosforados (diclorvos, triclorfom), os substitutos fenólicos e salicilanilidas (disofenol, nitroscanato), imidazotiazóis (levamisole), tetra-hidropirimidinas (pirantel), benzimidazóis (tiabendazol, albendazol, mebendazol), avermectinas e milbemicinas (ivermectina, selamectina) (ALMEIDA; AYRES, 2011). Diferem por apresentarem diversos mecanismos de ação e, conseqüentemente, diferentes dosagens terapêuticas e formas de administração entre as espécies, por esse motivo deve-se levar em consideração as reações adversas e contraindicações que cada um apresenta (DOLCE, 2014).

2.3.4. VITAMINAS

As vitaminas são substâncias orgânicas fundamentais para a saúde, o crescimento, a reprodução e a manutenção das espécies animais, além disso, as vitaminas tem aplicações na medicina veterinária com a finalidade de prevenir ou eliminar as hipovitaminoses. Apesar dos benefícios, as vitaminas podem causar efeitos adversos quando consumidas ou administradas em excesso, em razão disso são estabelecidos limites de tolerância para cada uma delas. Dessa forma, a utilização de vitaminas deve ser deveras cautelosa (SPINOSA; GORNIK; BERNARDI, 2011).

2.3.5. ANTIBIÓTICOS

Os antibióticos são substâncias químicas utilizadas no combate aos microrganismos, sendo capazes de inibir o crescimento ou destruir esses agentes causadores de doenças. Também são adicionados às rações animais para melhorar o desempenho, o crescimento e a conversão alimentar, no entanto esse pode ser um fator desencadeante de resistência bacteriana, uma vez que os antibióticos são incorporados na ração por um longo período e em baixas concentrações (SPINOSA; TÁRRAGA, 2011).

Naturalmente, alguns microrganismos são resistentes a determinados antibióticos, é o caso do *Enterococcus*, naturalmente resistente a qualquer cefalosporina, todavia utilizando-se o antibiótico correto o índice de causas de resistência bacteriana é menor (TORTORA; FUNKE; CASE, 2012).

Os antibióticos possuem grande disponibilidade e por isso acabam sendo utilizados indiscriminadamente, levando ao aparecimento de resistência bacteriana (DOLCE, 2014). A resistência ocorre quando a bactéria adquire genes que atingem o mecanismo de ação do antibiótico, seja por mutação espontânea do DNA ou por transformação e transferência de plasmídeos (BOZDOGAN, 1999 *apud* ANTONIO et al., 2009).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa em pauta configura-se como uma pesquisa descritiva, transversal, exploratória, observacional, de campo e quantitativa.

A pesquisa foi realizada através da aplicação de questionários submetidos na plataforma *online* Google Forms®, com usuários de *internet*. Juntamente com os questionários *online*, foram aplicados questionários presenciais com tutores de animais, residentes na cidade de Areia no estado da Paraíba. O questionário constituía-se por questões de múltipla escolha e discursivas, contendo perguntas relacionadas ao uso de medicamentos sem a indicação de um médico veterinário, os fármacos mais comumente utilizados e se os participantes possuíam algum conhecimento sobre os riscos que a prática da automedicação pode causar, e relacionado ao potencial tóxico que alguns fármacos podem apresentar.

Foram incluídos na pesquisa os cidadãos brasileiros maiores de 18 anos, residentes no município de Areia no estado da Paraíba e que possuíam algum animal de companhia. Pessoas que não eram residentes no município de Areia no estado da Paraíba, as menores de 18 anos, as que não possuíam nenhum animal de companhia, bem como as que não concluíram o processo de preenchimento do protocolo da pesquisa, foram excluídas da pesquisa.

De início, o objetivo seria atingir o maior número de pessoas, com a finalidade de conseguir uma amostra estatisticamente representativa. Porém, o objetivo foi limitado com o surgimento de dois problemas práticos: a falta de registros relacionados a quantidade de pessoas tutoras de animais de companhia para a região avaliada, o que dificulta a mensuração do tamanho efetivo da população; e a dificuldade de abranger toda a população que compõe a cidade avaliada, acima de tudo presencialmente. Neste caso, foi empregado o sistema de amostragem não probabilística por acessibilidade, que se justifica quando o pesquisador não possui dados estatísticos consideráveis sobre a população estudada e é necessário para auxiliar a execução da pesquisa (AAKER; KUMAR; DAY, 1995).

Os processos do estudo foram iniciados no mês de agosto de 2019, com a coleta de dados, que ocorreu no período de agosto a setembro do mesmo ano. Por fim foram executadas as etapas de análise e discussão de resultados. A análise dos dados realizou-se de acordo com as informações obtidas nos questionários. Os dados foram analisados e processados no software Microsoft Excel 2010 para disposição das variáveis. Após o processamento dos dados foi realizada a análise estatística.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram aplicados 46 questionários *online*, através do *software* Google Forms® e 8 questionários presenciais, no período de agosto a setembro de 2019, totalizando 54 questionários. Destes, 2 foram excluídos por não cumprirem as medidas de inclusão da pesquisa, sendo assim a análise foi realizada com base nas respostas dos 52 participantes que atenderam aos critérios de inclusão.

Primeiramente foi analisado o perfil socioeconômico dos participantes (Tabela 1). Dentre os entrevistados 34 (65,4%) eram do sexo feminino. Relacionado à faixa etária, 28 (53,8%) possuíam entre 18 e 25 anos, 16 (30,8%) entre 26 e 35 anos, 7 (13,5%) de 36 a 50 anos e 1 (1,9%) acima de 60 anos. A respeito do local de residência, 48 (92,3%) residiam em zona urbana e 4 (7,7%) em zona rural. Em relação ao nível de escolaridade, 4 (7,7%) não tinham completado o ensino médio, 9 (17,3%) haviam completado o ensino médio e a maioria estavam cursando ou haviam concluído o ensino superior e pós-graduação, correspondendo a 39 (75%) dos participantes. Em relação à renda familiar, 1 (1,9%) não possuía nenhuma renda, a maioria, 42 (80,8%) recebia até 3 salários mínimos e 9 (17,3%) recebiam até 6 salários mínimos. Uma pesquisa conduzida pelo SPC Brasil e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas aponta que fatores como gênero ou classe social não influenciam na

composição do perfil das pessoas que possuem *pets*, 50,2% são homens, enquanto 54,4% pertencem à classe C/D/E, essa classe corresponde as pessoas que possuem renda familiar até 3 salários mínimos, e os outros 45,6% à classe A/B, correspondente a classe de pessoas que possuem renda familiar de mais de 6 salários mínimos. Foi também observado que a maior parte (57,7%) corresponde às faixas etárias de 25 a 44 anos (SPC Brasil, 2017; FGV Social, 2014).

Tabela 1. Perfil socioeconômico dos participantes.

Variável	Categoria	n	%
Sexo	Feminino	34	65,4
	Masculino	18	34,6
Faixa etária	18 a 25 anos	28	53,8
	26 a 35 anos	16	30,8
	36 a 50 anos	7	13,5
	Acima de 60 anos	1	1,9
Local de residência	Zona urbana	48	92,3
	Zona rural	4	7,7
Nível de escolaridade	Fundamental incompleto	3	5,8
	Médio incompleto	1	1,9
	Médio completo	9	17,3
	Superior incompleto	24	46,2
	Superior completo	10	19,2
	Pós - graduação	5	9,6
Renda familiar	Nenhuma renda	1	1,9
	Até 1 salário mínimo	25	48,1
	De 1 a 3 salários mínimos	17	32,7
	De 3 a 6 salários mínimos	9	17,3

Relacionado à quantidade de animais que cada entrevistado possuía, a maioria, 38 (73,1%) possuía de 1 a 3 animais e 14 (26,9%) possuía 4 animais ou mais (Figura 1). Dentre esses animais, 38 (73,1%) possuía cão e gato e 14 (26,9%) possuíam mais outra espécie animal (Figura 2). Resultados semelhantes foram observados na mesma pesquisa realizada pelo SPC Brasil, onde 76% dos entrevistados são donos de algum animal de estimação (SPC

Brasil, 2017). De acordo com Gomes (2015), a maioria das pessoas tem preferência por criar unicamente cães, no entanto uma parte significativa dos tutores (29,3%) possui mais uma espécie animal.

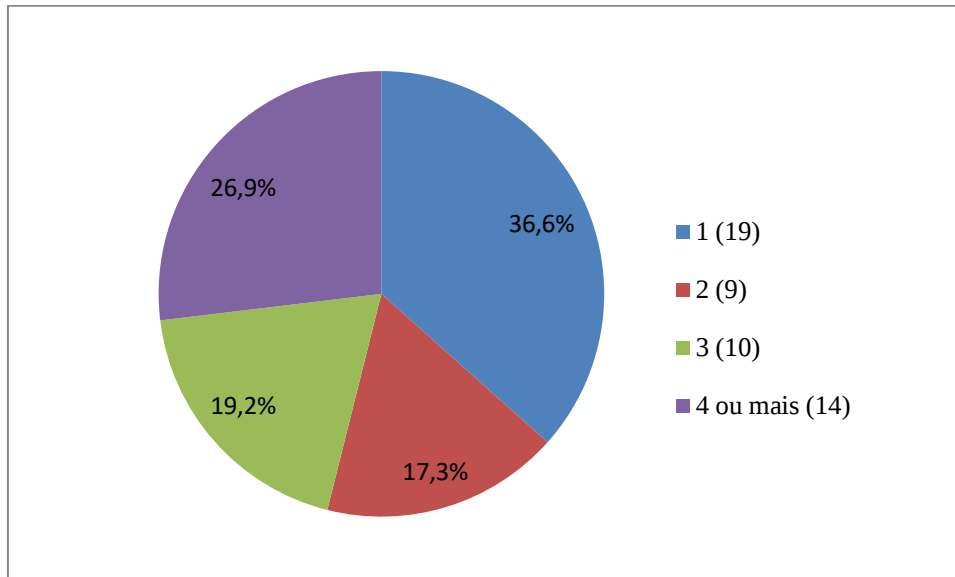


Figura 1. Quantidade de animais que os entrevistados possuíam.

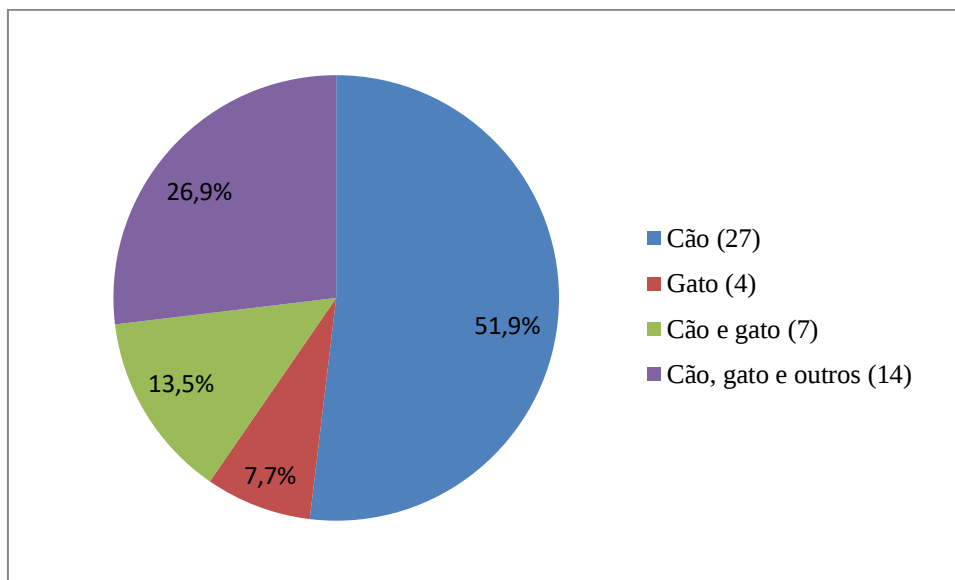


Figura 2. Tipos de animais de estimação dos indivíduos entrevistados.

Ainda na pesquisa realizada pelo SPC Brasil foi sugerido que as pessoas que convivem com algum animal de estimação apresentam uma relação extremamente afetiva com eles, assim tendo seus animais como amigos ou membros da família, capazes de corresponder todo o cuidado e atenção que recebem (SPC Brasil, 2017). Essa relação de

membro da família sugere que esses animais podem ser submetidos a automedicação, prática bastante realizada por seres humanos (ZIELKE et al., 2018).

Quando questionados se já haviam medicado seus animais sem antes ir a um médico veterinário, 31 (59,6%) responderam que sim e 21 (40,4%) responderam que não (Figura 3). Segundo Benedito et al. (2017), em uma pesquisa realizada na Universidade Estadual de Maringá, na clínica de pequenos animais foi comprovado que 59% dos animais já haviam sido medicados previamente à consulta. Outro estudo, realizado em Teresina – PI, confirma que 62,76% dos animais da região já haviam sido medicados sem orientação do profissional médico veterinário, seja por medicação laboratorial ou caseira (QUESSADA et al., 2010).

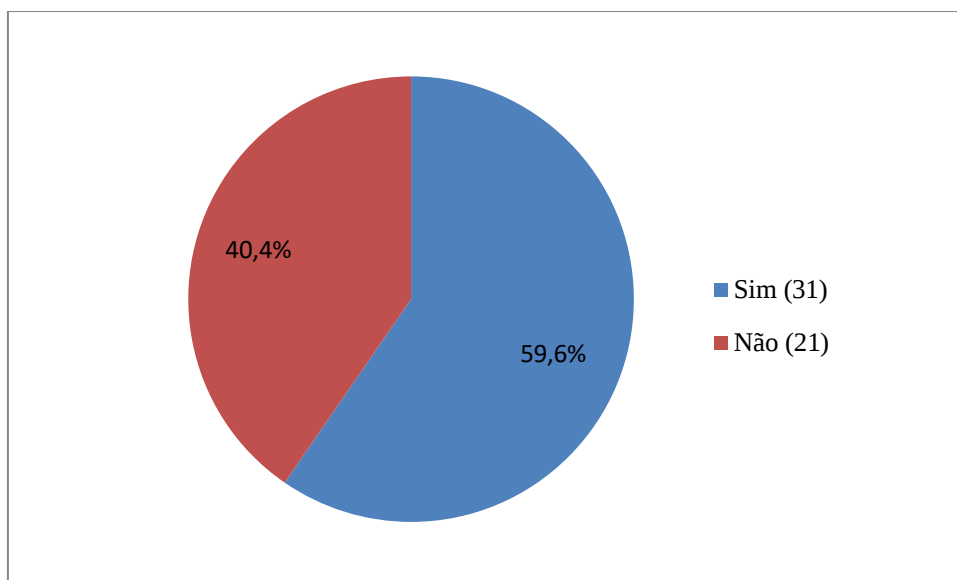


Figura 3. Casos de automedicação em animais na cidade de Areia – PB.

Ao analisar os medicamentos mais utilizados pelos participantes que responderam positivamente o questionamento a respeito da medicação sem antes ir a um médico veterinário, a classe medicamentosa mais citada foi a dos AINES (dipirona, paracetamol, diclofenaco, meloxicam), correspondendo a 41,6% (Figura 4). Dado semelhante ao encontrado por Mello et al. (2008), onde a classe dos anti-inflamatórios foi a mais utilizada, mas diferente dos achados de Carvalho et al. (2012), em que os medicamentos mais utilizados foram os antibióticos. Segundo Riboldi et al. (2012), os animais são mais sensíveis aos AINES do que os humanos, grande parte das intoxicações em pequenos animais ocorre pela utilização dessa classe medicamentosa, devido a preocupação dos tutores em aliviar os sintomas do seu animal de estimação.

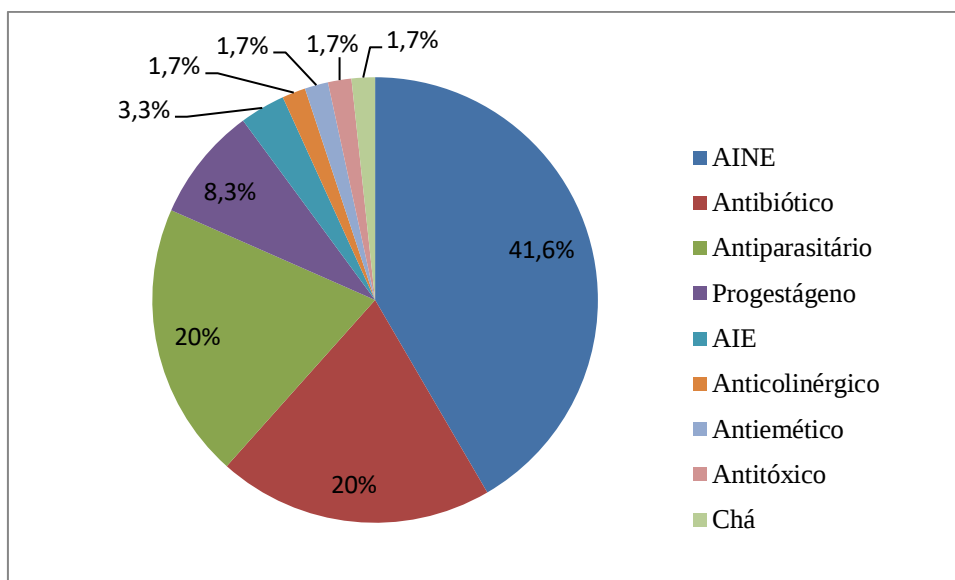


Figura 4. Classes medicamentosas utilizadas na automedicação em animais na cidade de Areia – PB.

O uso dos antibióticos (amoxicilina, cefalexina, enrofloxacina, doxiciclina, sulfa+trimetoprim) teve prevalência de 20%. Carvalho et al. (2012), aponta que pela facilidade de compra desses medicamentos, seja em farmácia humana ou veterinária, o hábito da automedicação com esses tipos de fármacos é frequente. No entanto, esse feito tem sido reduzido pela restrição da compra de antibióticos sem a apresentação de receituário médico ou médico veterinário, através da resolução nº20/2011 lançada pela ANVISA (BRASIL, 2011 *apud* CARVALHO et al., 2012).

A prevalência do uso dos antiparasitários (ivermectina) foi de 20%. Um estudo realizado por Zielke et al. (2018), mostra dado semelhante, em que 19% de caninos atendidos no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas foram tratados com antiparasitários. Frente ao uso indiscriminado de antiparasitários, essa também é uma causa comum de intoxicação medicamentosa em pequenos animais (CALONI et al., 2012). E em relação a ivermectina, é importante ressaltar que seu uso é restrito em cães das raças *Collie*, *Shetland Sheepdogs*, *Old English Sheepdog* e *Australian Sheepdog* e em gatos, pois podem apresentar sinais de intoxicação (ALMEIDA; AYRES, 2011).

As outras classes medicamentosas citadas na pesquisa em questão foram os progestágenos, anti-inflamatórios esteroidais, anticolinérgicos, antieméticos, antitóxicos e chás, totalizando 18,4%, conforme figuras 3 e 4.

Foi também perguntado se os participantes conheciam os riscos da medicação sem a prescrição de um médico veterinário, a maioria (86,5%) respondeu que sim (Figura 5). Dentre

os riscos conhecidos pelos participantes, o mais citados foram vômito (26,5%) e resistência bacteriana (19,7%). Outros riscos citados pelos entrevistados foram diarreia sanguinolenta, convulsão, hemorragia, insuficiência renal, intoxicação e morte. O uso inadequado de algum medicamento pode fazer com que ocorram efeitos colaterais e/ ou efeitos tóxicos, que podem levar à morte. Salivação excessiva, diarreia, vômitos, sono profundo e exagerado, andar cambaleante, tremores e crises convulsivas são os primeiros sintomas diante de uma intoxicação medicamentosa, além disso, o uso indiscriminado de antibióticos é o causador de resistência bacteriana (FELDKIRCHER, 2014; DOLCE, 2014).

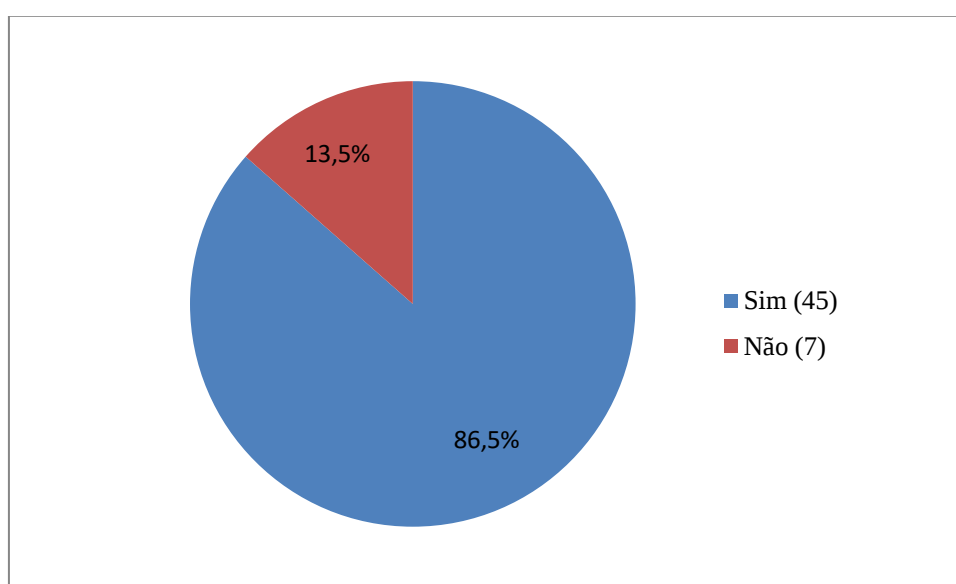


Figura 5. Conhecimento dos participantes a respeito dos riscos que a medicação sem a prescrição de um médico veterinário pode causar.

Os participantes também foram questionados quanto ao conhecimento do potencial tóxico que alguns fármacos podem apresentar 34 (65,4%) afirmaram conhecer (Figura 6).

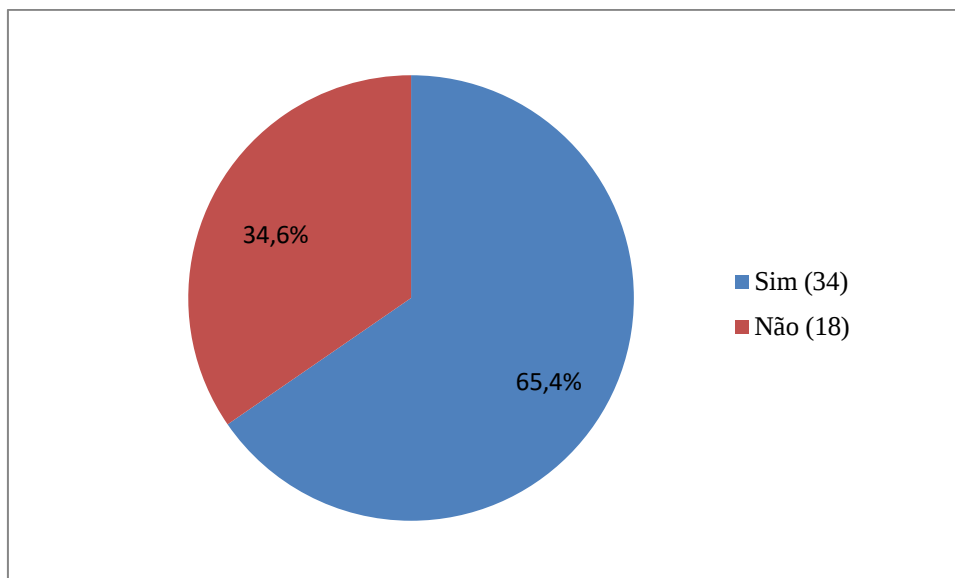


Figura 6. Conhecimento dos participantes a respeito do potencial tóxico que alguns medicamentos apresentam.

Por fim, foi questionado se os entrevistados achavam correto medicar seus animais sem a orientação de um médico veterinário e 100% dos participantes, não acharam correto.

Apesar de grande parte dos entrevistados conhecerem os riscos da automedicação, relataram de forma precisa as principais consequências do uso inadequado dos medicamentos e afirmaram conhecer o potencial tóxico que alguns fármacos apresentam, uma alta parcela dessas pessoas ainda realiza essa prática. E mesmo assim, também afirmam ser incorreto medicar animais sem a orientação de um médico veterinário. Diferente do resultado apresentado por Zielke et al. (2018) onde 22% dos participantes da pesquisa acreditavam que alguns medicamentos podem ser utilizados por conta própria e que não fazem nenhum mal.

A facilidade em adquirir medicamentos sem a orientação de um profissional e a ansiedade do tutor em resolver o problema que o animal apresenta e aliviar os sintomas, pode explicar o motivo dessa prática ainda ser realizada com frequência (CARVALHO et al., 2012; ZIELKE et al., 2018). Outro motivo para que a automedicação ocorra é que muitas vezes o tutor não deseja desembolsar recursos com consultas ou exames, que são os meios indicados para resolver o problema que o animal apresenta.

5. CONCLUSÃO

A realização dessa pesquisa propiciou a obtenção de mais conhecimento sobre o tema estudado, onde foi possível identificar o nível de conhecimento da população a respeito dos riscos da automedicação e o potencial tóxico que alguns fármacos apresentam. Apesar de grande parte dos participantes conhecerem os riscos e consequências da automedicação, uma parcela considerável ainda realiza a prática. O que confirma a necessidade de mais esclarecimento à população e leis em defesa da saúde animal. Consequentemente, esse estudo contribuirá para que novos estudos na área sejam realizados e para promoção de ações em favor da saúde animal.

REFERÊNCIAS

- AAKER, David; KUMAR, V.; DAY, G. **Marketing research**. John Wiley & Sons, Inc. 1995.
- ALMEIDA, M. A. O.; AYRES, M. C. C. Agentes Antinematódeos. In: SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 517-530.
- ANJOS, T. M.; BRITO, H. F. V. Terapêutica felina: diferenças farmacológicas e fisiológicas. **Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação**. 2009; 7(23); p. 554-567.
- ANTONIO et al. Mecanismos de Resistência Bacteriana. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**. n. 12, jan. 2019.
- ANVISA – AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Caderno do Professor - Projeto Educação e Promoção da Saúde no Contexto Escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o uso racional de medicamentos**. Brasília: ANVISA, 2007. 80p.
- AQUINO, S. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?. **Ciência e saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.13, 2008, p. 733-736.
- ARAÚJO, C. I.; POMPERMAYER, G. L.; PINTO, S. A. Metabolismo de Drogas e Terapêutica no Gato: revisão. **Revista Clínica Veterinária**. v. 5, n. 27, 2000, p. 46-53.
- BENEDITO et al. **Medicação sem prescrição em animais de companhia: como prevenir?**. In: II Simpósio em Produção Sustentável e Saúde Animal. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevCiVet/article/download/37096/pdf>>. Acesso em: 21 de jun. de 2019.

BOZDOGAN et al. **A new resistance gene, linB, conferring resistance to lincosamides by nucleotidylation in Enterococcus faecium HM1025.** Antimicrob. Agents Chemother. 43:925-999. 1999.

BRASIL. **Informe Técnico Sobre a RDC N°20/2011.** Agencia Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Brasília, DF, 2011.

CALONI et al. Animal poisoning in Italy: 10 years of epidemiological data from the poison Control Centre of Milan. **Veterinary Record**, v. 170, n. 16, p. 415, 2012.

CARVALHO et al. Incidência de medicação em cães e gatos por seus responsáveis sem orientação médico-veterinária: levantamento em um hospital veterinário universitário. **Enciclopédia Biosfera – Centro Científico Conhecer**. Goiânia, v.8, n.15, 2012 p. 1035-1042.

DOLCE, Vanessa Bergo Hidalgo. **Prevalência de “automedicação” descrita na anamnese em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade de Cuiabá/MT.** 39 f. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Biociência Animal, Universidade de Cuiabá, Cuiabá, 2014.

FELDKIRCHER, Karla Cristina Gonçalves. Intoxicação medicamentosa em animais domésticos. **REVET - Revista Científica de Medicina Veterinária - FACIPLAC**. Brasília - DF, v. 1, n. 1, Out, 2014, p. 14-18.

GOMES, V. C. P. S. **Relação entre padrão socioeconômico e variáveis ligadas ao bem estar e guarda responsável de cães e gatos em Areia – PB.** 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, UFPB, Areia, 2015.

GOODMAN; GILMAN. **As bases farmacológicas da terapêutica de Goodman e Gilman.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013.** Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 100p.

JERICÓ, M. M.; MARCO, V. Anti-inflamatórios esteroidais. In: SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 261-270.

LEITE et al. Prescrição de medicamentos veterinários por leigos: um problema ético. **Revista Acadêmica de Curitiba**, v. 4, n.4, p. 43-47, out./dez. 2006.

MELLO et al. **Incidência de Automedicação em Cães e Gatos atendidos no Hospital Veterinário da Puc-RS de Julho de 2007 a Junho de 2008**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária. 2008, Gramado, RS.

MERCADO de consumo pet. **SPC Brasil**, 2017. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/wpimprensa/wpcontent/uploads/2017/09/Analise_Mercado_Pet_Setembro_2017.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2019.

QUAL a faixa de renda familiar das classes?. **FGV Social**, 2014. Disponível em: <<https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>>. Acesso em: 11 de out. de 2019.

QUESSADA et al. Uso de medicamentos sem prescrição médico-veterinária-comunicação. **Vet. Not.**, Uberlândia, v. 16, n. 1, jan./jun., 2010.

RANG et al. **Farmacologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

RIBEIRO, S. C. R.; SILVA, M. R. T.; FILHO, F. R. J. **Medicamentos mais vendidos em farmácias veterinárias sem prescrição médica análise da bula**. Guaranhuns, PE: [s.n.], 2009.

RIBOLDI, Emeline de Oliveira. **Intoxicações em pequenos animais: uma revisão**. 118 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Veterinária, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

RIBOLDI, E.; LIMA, D.A.; DALLEGRAVE, E. Sensibilidade espécie-específica aos anti-inflamatórios não esteroidais: humanos X animais de companhia. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.** V.64, n.1, p.39-44, 2012.

SILVA et al. Análise de automedicação no município de Vassouras – RJ. **Infarma**, v.17, n.5/6, 2005, p.59-62.

SPINOSA, H. S.; GÓRNIAC, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

SPINOSA, H. S.; TÁRRAGA, K. M. Considerações gerais sobre os antimicrobianos. In: SPINOSA, H. S.; GÓRNIAC, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 409-417.

TASAKA, A. C. Anti-inflamatórios não esteroidais. In: SPINOSA, H. S.; GÓRNIAC, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 245-259.

TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. **Microbiologia**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

XAVIER, F. G.; MARUO, V. M.; SPINOSA, H. S. Toxicologia dos medicamentos. In: SPINOSA, H. S.; GÓRNIAC, S. L.; PALERMO-NETO, J. **Toxicologia Aplicada à Medicina Veterinária**. São Paulo: Manole, 2008, p. 117-190.

ZIELKE et al. Avaliação do uso de fármacos em animais de companhia sem orientação profissional. **Science And Animal Health – Faculdade de Veterinária e Programa de Pós Graduação em Veterinária da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas, UFPEL, v. 6, n. 1, Jan/Abr, 2018, p. 29-46.

APÊNDICE A
Modelo do Questionário

**INCIDÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS SEM A
ORIENTAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO EM ANIMAIS DE COMPANHIA NA
CIDADE DE AREIA – PB**

Informações pessoais:

1. Sexo Biológico:

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Outros

2. Faixa etária:

- ☐ 18 a 25 anos
- ☐ 26 a 35 anos
- ☐ 36 a 50 anos
- ☐ 51 a 60 anos
- ☐ acima de 60 anos

3. Localidade:

Cidade onde reside: _____

Estado: _____

4. Residência em:

- ☐ Zona rural
- ☐ Zona urbana (cidade)

5. Nível de escolaridade:

- ☐ Fundamental incompleto
- ☐ Fundamental completo
- ☐ Médio incompleto
- ☐ Médio completo
- ☐ Superior incompleto

- ☐ Superior completo
- ☐ Pós-Graduação

6. Renda familiar:

- ☐ Nenhuma renda.
- ☐ Até 1 salário mínimo(até R\$ 998,00).
- ☐ De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,01 até R\$ 2.994,00).
- ☐ De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.994,01 até R\$ 5.988,00).
- ☐ De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.988,01 até R\$ 8.982,00).
- ☐ De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.982,01até R\$11.136,00).
- ☐ Mais de 12 mínimos (mais de R\$ 11.136,00)

7. Quantos animais você possui?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4 ou mais

8. Qual a espécie do seu animal?

- ☐ Canino
- ☐ Felino
- ☐ Ave
- ☐ Outros _____

9. Você já medicou seu(s) animal(is) sem antes ir a um médico veterinário?

- ☐ Sim
- ☐ Não

10. Caso a resposta anterior tenha sido sim, qual medicamento você utilizou?

(Questão aberta)

11. Você conhece os riscos que a medicação sem a prescrição de um médico veterinário pode causar?

- ☐ Sim

() Não

12. Caso a resposta anterior tenha sido sim, quais riscos?

(Questão aberta)

13. Você conhece o potencial tóxico que alguns medicamentos podem apresentar?

() Sim

() Não

14. Você acha que medicar animais sem a indicação do médico veterinário é correto?

() Sim

() Não